

Por uma Filosofia Latino-Americana e Caribenha

GARCÍA, F.V. La in-disciplina de Caliban: Filosofía en el Caribe más allá de la academia. La Habana: Editorial Filosofi@.cu, 2017

No livro recém-publicado pelo Departamento de Filosofia da Universidade de Havana, o filósofo cubano resgata uma série de conceitos e autores do Caribe para reivindicar a existência de uma filosofia produzida a partir de distinta perspectiva geográfica e cultural. Tributário da filosofia clássica, o Caribe reúne novos referenciais para a produção filosófica, mas enfrenta dificuldade para ser reconhecida. Por meio da figura de um ‘personagem-conceito caribenho, Caliban, o título do livro sugere ato de rebeldia acadêmica.

Caliban é o personagem-escravo que se revolta contra seu amo, Próspero, quando aprende a falar sua língua. Representando os povos que conformaram o atual Caribe, Caliban se revolta contra a dominação colonial, o genocídio dos povos nativos, a exploração dos povos africanos escravizados, a dependência e opressão impostas pelos colonizadores europeus no bojo da grande empresa capitalista do século XV. De forma perspicaz, o autor estabelece duplo sentido para a indisciplina de Caliban. Além da revolta de um sujeito explorado, denuncia a relação de dominação que existe, ainda nos dias atuais, quando menciona a oposição da filosofia ocidental-europeia à produção filosófica nos trópicos. Posiciona-se contra a posição de certos filósofos que acabam naturalizando o *ethos* e o *logos* europeus, superiores e identificados como o progresso, como o dever ser das coisas.

O livro está organizado em cinco partes, sendo que a introdução apresenta o propósito desta discussão: a indisciplina acadêmica filosófica que torna possível a defesa de uma filosofia praticada no Caribe. A primeira parte se dedica a algumas definições: Caribe, filosofia, ontologia e conhecimento. A segunda parte apresenta algumas vicissitudes da história que configuram a realidade e o pensamento caribenho. A terceira parte faz um percurso pelos temas da filosofia no Caribe por meio dos conceitos de negritude (“negritud”), gozo (“choteo”) e crioulização (“creolización”). Na quarta parte, o autor fala dos conceitos como expressão conceitual da realidade política, cultural e epistêmica do Caribe. Na última parte, o autor conclui defendendo uma filosofia no Caribe baseada em referenciais próprios provenientes da experiência singular da região.

Na primeira sessão da parte I, o autor caracteriza a região insular e explica a etimologia da palavra “Caribe”. Em substituição às pretéritas formas de se referir à região - “Antilhas” e “Índias Ocidentais” - Caribe é uma denominação relativamente recente e ainda não possui demarcação precisa. A região se constrói a partir de novos significados que surgem das necessidades política e econômica que aproximam os países, uma vez que a amplitude e os conteúdos do conceito ultrapassam a geografia, a história e a cultura. Desde a chegada de Colombo à ilha “La Española” (República Dominicana e o Haiti), a seguinte fase da colonização, marcada pela conquista dos impérios Asteca (México) e Inca (Peru), relegou a região caribenha a corsários e piratas de distintas bandeiras. Os séculos XVI e XVII foram tempos de trânsito comercial espanhol e de abandono e vazio de poder na região caribenha; os séculos XVIII e XIX mudaram a configuração da região por causa de um sistema de plantação que ocupava a totalidade da área física das várias ilhas; o século XX foi a época de migrações asiáticas, de revoltas sociais e de anseios independentistas, como a Revolução Cubana.

Com vistas à produção filosófica no Caribe, o autor cita uma série de obstáculos que dificultaram seu avanço, a saber: o espaço fragmentado da reduzida porção geográfica, os distintos modelos de dominação a que foram submetidos os povos e ilhas, as fracas relações políticas e econômicas entre eles, a manutenção de vínculos de dependência com os países europeus, a limitada vida acadêmica em muitas das ilhas (à exceção do Caribe hispânico) e o predomínio de perspectivas conceituais e metodológicas no estudo da filosofia, além de outras disciplinas, que impediam o reconhecimento de uma produção filosófica local.

No entanto, deve-se voltar ao propósito da filosofia para se reconhecer que ela deve ser contextualizada. Valoriza-se a reflexão crítica acerca da *praxis* histórica em detrimento de seu represamento em cosmovisões integradoras, em tradições do passado e sabedorias acumuladas por determinadas comunidades. Destarte, o autor se ampara na filosofia clássica alemã, em particular em Hegel e na crítica marxista, para sustentar a ideia de que a filosofia deve transcender as representações habituais da academia ocidental, sobretudo para poder explicar não apenas os diversos modos do mundo, mas interpretá-los em função da prática transformadora. Isso requer, também, voltar-se com outros olhos à filosofia grega para poder apreciar a filosofia caribenha.

No contexto latino-americano e caribenho, em especial, a questão da identidade ocupa o centro do interesse filosófico. A realidade resultante da experiência colonial gera temas e conceitos que diversificam e agregam àqueles da filosofia tradicional. Eles possuem abrangência universal na região e no Sul global e consistem naquele conjunto de perguntas fundamentais (ontológicas) que não são as mesmas para todos, tal e qual a práxis é diferente em cada momento e lugar.

As vicissitudes do passado colonial configuram a realidade e o pensamento caribenho. A tarefa fundamental, então, é proceder à leitura crítica do mundo presente segundo referenciais próprios, de tal forma a remover a perspectiva imposta pela colonialidade via noções e conceitos dos centros de poder metropolitanos. Esse exercício filosófico sempre foi muito presente entre os intelectuais da região, ainda que não incorporado às disciplinas científicas.

Com o fim de captar a realidade histórico-concreta do “estar sendo”, não como ação separada e como especulação abstrata, mas como expressão crítica do processo real da vida, aportam-se conceitos, nem sempre produzidos por profissionais de ofício ou de cátedra. Trata-se, assim, de considerar novos conceitos que se caracterizam por ser de máxima generalidade, por abarcar um conteúdo teórico-científico e também valorativo-cosmovisivo, próprios de um tempo histórico e conectados à prática social caribenha. O conceito *negritude* é aquele com maior transcendência filosófica e com impacto entre as décadas de quarenta e sessenta do século XX nos estudos e práticas caribenhas, africanas e de todo o Sul global, já que questionava o colonialismo racista do mundo capitalista, cristão e burguês; serve para denunciar a alienação, assimilação e opressão cultural e o desprezo pela cultura dos povos negros. Este conceito rendeu, no bojo de sua crítica, outros: *antilhanidade*, *créolité*, *branquitude* e *homo capitalisticus*. O conceito *gozo* (*choteo*) surgiu em Cuba no início do século XX no âmbito das análises acerca da jovem nação; Mañach o estudou como um fenômeno a ser compreendido a partir da fenomenologia husserliana e da psicologia social de Freud, Simmel e outros; relacionava-se à evasão da norma, à transgressão da lei, ao relaxamento e à busca de formas de resistência frente ao peso do rígido poder colonial, daí a música, a dança para carnavalizar e liberar-se do inimigo: a ordem, hierarquia e autoridade. O conceito *crioulização* surge em fins da década de sessenta com Brathwaite que se dedica ao estudo sobre a herança da escravidão, o processo de crioulização e a conformação cultural antilhana; a realidade insular é um processo inacabado culturalmente, o que é

percebido na continuidade espaço-temporal da aculturação (dominação de uma cultura sobre outra) e da interculturação (processo osmótico espontâneo), que precedem à criouliização como processo e produto – eis a palavra espanhola *criollo* formada a partir de *criar* e de *colono* –; deste debate surgem ainda outros conceitos como *indigenização* (Sylvia Wynter), *transculturação* (Fernando Ortiz) e *créolité* (Édouard Glissant).

Uma vasta revisão das principais bibliografias e discussões que compõem a expressão caribenha é realizada e forma parte do pensamento filosófico autônomo. Separando-as em cultural, política e epistêmica, identificam-se temáticas que geram conceitos ligados à prática histórica e mostram a preocupação do pensamento expresso em vários autores. Entretanto, a realidade política dependente caribenha, a realidade sociocultural e antropológica resultante na história e sua condição de estar sendo, assim como a preocupação pela credibilidade nos modos como conhecemos nosso mundo, têm sido grandes temas do pensamento caribenho e das inquietudes filosóficas. Materializações desse pensar filosoficamente são as discussões em torno de: “alienação pela cor” e “mímesis” (Fanon); “Caliban” (Retamar; Spivak); “poética da relação” e “identidade rizomática” (Glissant); “mulatez” (Ortiz); “fronteira imperial” (Bosch); “condenados da terra” (Fanon); “Nossa América” (Martí); “decolonização epistêmica (NWG – New World Group e GMC – Grupo Modernidade-Colonialidade); “capitalismo-escravidão” (Williams; Best; Beckford) e “história razonada”, método próprio que permite compreender a economia da plantação, típica do Caribe.

À guisa de conclusão, este percurso pelos conceitos, discussões e autores da região caribenha demonstra esquemas úteis de pensamento e lógicas para compreendê-lo. Sendo assim, o Caribe deve ser reconhecido como detentor de produção filosófica própria. A partir da realidade histórico-concreta da experiência insular, colonial e do sistema de plantação, a filosofia tem se manifestado de modo não diferenciado, mas invisibilizado nos limites da disciplina tradicional, com base em fundamentações da episteme moderna ocidental clássica. Daí a filosofia do Caribe estar manifestada em forma transdisciplinar, da transgressão disciplinar e de aproximação da realidade. Com base neste debate, deve-se reformular a visão estreita da filosofia de cunho euro-ocidental.

Nestas duas centenas de páginas, o livro traz uma contribuição inestimável para repensar a filosofia como disciplina acadêmica e, também, para compreender o

Caribe e sua vasta produção de conhecimento crítico. A filosofia tem sido cada vez mais desafiada, no presente, a inserir novas epistemes caracterizadas pela diversidade do mundo descolonizado que constitui o Sul global. Adicionalmente, por meio de um apanhado muito bem realizado, de forma breve e clara, o autor apresenta a vasta bibliografia aos estudiosos deste tema e serve, portanto, como guia para a leitura das obras citadas. É possível, ainda, reconhecer no livro a existência de uma identidade caribenha que permeia as distintas perspectivas científicas, sendo que os pensadores caribenhos se mostram bastante críticos e comprometidos com a transformação social da região.

